

TEA E FAMÍLIA: VIVÊNCIAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Gabriely Scarlet Da Silva¹
Aline Queiroz Ferreira²
Magali De Paula Silva Santana³

psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

O presente estudo foi aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – Univértix e propõe-se a compreender as experiências de mães de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), explorando os significados atribuídos por elas à realidade vivenciada após o diagnóstico dos filhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, fundamentada na abordagem fenomenológica, que busca compreender as vivências dessas mães, analisando os sentidos e significados que emergem do cotidiano do cuidado e da convivência com pessoas diagnosticadas com TEA. A abordagem fenomenológica orienta o olhar do pesquisador para a experiência tal como é vivida, visando a apreender a essência do fenômeno a partir das narrativas das participantes. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas de base fenomenológica, conduzidas a partir da seguinte questão norteadora: "Como é sua vivência como mãe de uma pessoa com TEA?". As entrevistas foram realizadas individualmente com mães de pessoas diagnosticadas com TEA. A coleta de dados foi encerrada mediante o critério de saturação teórica. A análise dos dados seguiu os pressupostos da análise fenomenológica, buscando identificar unidades de sentido e construir compreensões acerca das vivências relatadas, sem reduzi-las a categorias previamente estabelecidas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Univértix (CEP/UNIVÉRTIX), sob o parecer nº 8.249.109.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; TEA; Família; Vivências; Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix

³ Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de saúde que afeta o neurodesenvolvimento, caracterizada por dificuldades na comunicação e interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses. A designação de "espectro" reflete a grande diversidade de sintomas e intensidades, em que cada indivíduo apresenta uma combinação única de manifestações e apresenta diferentes níveis de suporte e necessidades de apoio e intervenções de especialistas.

A American Psychiatric Association (APA, 2023) aponta que manifestações se iniciam precocemente na infância e podem comprometer, de forma significativa, o funcionamento diário do indivíduo. A intensidade dos sintomas varia de acordo com a idade, o nível de desenvolvimento e o contexto em que a pessoa está inserida.

A partir do momento em que se identifica e se realiza o diagnóstico do transtorno, a mudança não acontece apenas na vida do indivíduo, mas reverbera de forma significativa no ambiente familiar e social em que ele está inserido. O cotidiano passa a exigir novas formas de compreensão, acolhimento e manejo das situações, de modo que familiares, cuidadores, professores e demais pessoas de seu convívio precisem se reorganizar para atender às demandas específicas (Alencar *et al.*, 2025).

O presente trabalho justifica-se pela importância de compreender as experiências vividas por famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que essas vivências refletem os desafios, as adaptações e os sentidos construídos no cotidiano. A questão norteadora, para tal trabalho, é: “Como é sua vivência como mãe de uma pessoa com TEA?”. O objetivo deste trabalho é compreender as experiências de mães de pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), explorando como elas atribuem significado à realidade vivida após o diagnóstico do TEA.

Trabalhos como este são importantes para dar voz às famílias, contribuindo para uma compreensão mais profunda de suas vivências. Além disso, oferece subsídios para refletir sobre as necessidades de acolhimento e apoio às mães, frequentemente sobrecarregadas pelas demandas emocionais e estruturais envolvidas no cuidado à pessoa com TEA.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) deve ser compreendido a partir de duas perspectivas fenomenológicas: a sintomática, relacionada aos comprometimentos estruturais do funcionamento do sistema nervoso central, e a idiopática, que decorre da complexa síndrome de isolamento afetivo, social e comunicativo. A abordagem fenomenológica assegura, com certa confiabilidade, a interpretação da complexidade do problema dentro do circuito metodológico corpo, mente e espírito (Petrelli, 2017).

Além disso, segundo os paradigmas fenomenológicos, toda condição humana deve ser entendida a partir dos fenômenos psicopatológicos, suspendendo de maneira criteriosa os dados clínicos provenientes da ciência tradicional, para que seja possível conhecer o sujeito a partir de sua dimensão existencial (Foucault, 1975; Smith, Flowers & Larkin, 2009). Como assinala Araújo (2010), o indivíduo precisa ser reconhecido em sua singularidade, independentemente de sua condição patológica.

Como corrente filosófica fundada por Husserl, a Fenomenologia surge rompendo com os modos tradicionais de se fazer filosofia. Husserl adota como princípio a máxima “ir às coisas mesmas”, de modo que os fundamentos da Fenomenologia não se apoiam em pressupostos prévios, mas procuram expressar aquilo que se manifesta diretamente à consciência (Garnica, 1997, p. 109). Petrelli (2008) enfatiza que a fenomenologia busca revelar o sentido oculto das coisas, considerando que a ciência é descritiva, e não explicativa, e que seu propósito não é a identificação de causas, mas, sim, a possibilidade de compreender as condições humanas.

Partindo da compreensão de que o desenvolvimento humano é influenciado pelo contexto social e de que a participação do sujeito autista na sociedade pode estar limitada, torna-se essencial compreender as vivências desses indivíduos e elaborar estratégias que possibilitem a ressignificação, por parte dos pais, da relação com seus filhos autistas, além de oferecer a esses sujeitos oportunidades de reconstruir sua forma de perceber o mundo e de se posicionar nele (Bagarollo, 2010).

É frequente que familiares e responsáveis por crianças com transtornos do desenvolvimento vivam de maneira intensa o presente, em virtude de um futuro que

lhes desperta angústia, apreensão e frustrações. No entanto, essa situação pode levar os pais a sentimentos de incapacidade e melancolia. Nesse contexto, mesmo que os pais não possam prever o seu futuro ou o de seus filhos, faz-se necessário que sejam capazes de projetar um futuro com desejo e esperança, buscando possibilidades (Franco, 2015).

Bonfim *et al.* (2020) apontam que a dificuldade dos familiares em compreender alguns comportamentos da criança, somada ao preconceito e à falta de conhecimento da sociedade sobre o transtorno, pode levar ao isolamento social da família. Nesse contexto, destacam a importância de ações de conscientização para promover maior acolhimento e inclusão social.

O Ministério da Saúde (Brasil, 2015) ressalta que as famílias de pessoas com TEA enfrentam diversas dificuldades, especialmente no acesso a serviços especializados de saúde. Além disso, são apontadas fragilidades na implementação e execução das políticas públicas, voltadas à atenção dessas pessoas e à linha de cuidado destinada a elas e suas famílias na rede de atenção psicossocial do SUS. De acordo com Brasil (Lei 12.764/2012), a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, reiterando-se o direito à saúde às pessoas com TEA, desde o diagnóstico até à reabilitação com serviços especializados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – Univértix. O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa e descritiva, que utiliza o método fenomenológico, com o objetivo de promover uma compreensão mais profunda do fenômeno investigado e de como este se manifesta na realidade vivida pelos participantes; consiste, pois, num método que caracteriza o "como" e não o "o quê" ou o "porquê" dessa investigação (Heidegger, 1997).

Para sustentar a análise proposta, foram realizadas entrevistas com mães de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A seleção dos participantes aconteceu a partir da rede de contatos das pesquisadoras. Reconhece-se que tal estratégia pode configurar um viés de seleção, uma vez que a amostra ficou restrita a pessoas previamente conhecidas. No entanto, justifica-se essa opção pelo

caráter qualitativo da pesquisa. Assim, os resultados são compreendidos como representativos do grupo estudado, sem pretensão de generalização para o conjunto de mães de pessoas com TEA.

Seguindo os preceitos da abordagem qualitativa, em que a representatividade não é numérica, mas voltada à profundidade das experiências vivenciadas, a coleta de dados foi encerrada mediante o critério de saturação de dados (ou saturação teórica) (Minayo, 2006).

O processo de consentimento ocorreu no início da entrevista. O TCLE foi impresso e apresentado em duas vias, explicado em linguagem acessível, em ambiente reservado e tranquilo, de modo a assegurar privacidade e ausência de constrangimentos. As entrevistas foram realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada, no centro Universitário Univértix, de acordo com a disponibilidade das participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, após o consentimento formal das participantes. Cada encontro teve duração média de 40 a 60 minutos. As gravações foram armazenadas em aparelho eletrônico protegido por senha, de uso restrito das pesquisadoras, prezando o sigilo e a segurança das informações. Após a transcrição completa das falas, os arquivos de áudio serão mantidos apenas pelo período de finalização da análise dos dados, sendo posteriormente excluídos de forma definitiva.

Seguindo o método fenomenológico, as entrevistas partiram de um questionamento denominado questão norteadora: “Como é sua vivência como mãe de uma pessoa com TEA?”. De acordo com Buffon, Martins, Neves (2017) e Forghieri (2002/2020), a formulação dessa pergunta segue um modelo que tem por finalidade abranger o tema em sua amplitude e oferecer liberdade à fala dos entrevistados, a fim de possibilitar a externalização de suas experiências e vivências.

De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Esses podem envolver as dimensões física, psíquica, moral, intelectual, emocional, social, cultural ou espiritual do ser humano, em tipos e gradações variadas, mesmo que mínimas, e referem-se ao participante da pesquisa. Como benefício desta pesquisa, ainda que de forma indireta, aos participantes, espera-se contribuir significativamente para o avanço científico e para o aprofundamento da compreensão das vivências familiares relacionadas ao TEA.

Todo o processo de elaboração do presente projeto, bem como a condução da abordagem aos sujeitos de pesquisa, o processo de consentimento, coleta e análise dos dados, foram desenvolvidos com base na resolução 466/12 e na resolução 510/16 (Brasil, 2012; Brasil, 2016). O projeto foi aprovado no CEP, sob o parecer número 8.249.109.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados com base nas respostas das três participantes, evidenciando tanto as convergências quanto as particularidades de suas experiências. Para resguardar as identidades das participantes, elas foram nomeadas como participante 01, participante 02 e participante 03.

A condução da entrevista foi orientada pela seguinte pergunta norteadora: “Como é a sua vivência como mãe de uma pessoa com TEA?”. A partir das respostas obtidas, foram realizadas indagações complementares, conforme os aspectos emergentes nas falas das participantes, com o objetivo de aprofundar e compreender as experiências vivenciadas.

A vivência como mãe de uma criança autista

Segundo Misquiatti *et al.* (2015), a mãe configura-se como o membro da família que realiza o maior número de adaptações em seus papéis e em sua rotina de vida, em função do tempo demandado para a dedicação e o cuidado com o filho com necessidades especiais. Na fala das participantes da pesquisa, isso aparece com clareza:

E a sensação, pelo menos assim, que eu tenho em várias rodas de conversa que a gente tem, é como se a gente subisse a montanha-russa e às vezes quando você tá chegando no topo e acha que estabilizou, desce tudo de novo. (Participante 01).

Então, a vivência, ela vai mudando nesse decorrer. Do diagnóstico até hoje, né, mudou muita coisa. Então, assim, hoje tá mais leve, mas no início, realmente, foi uma coisa, assim, de deixar a família sem norte. (Participante 02).

O relato das participantes revela grandes mudanças, cenários que se modificam o tempo todo e são marcados por necessidade de flexibilizar expectativas,

se adaptar constantemente, pois há um sentimento de incerteza e de sentir-se meio perdida. A comparação com o nascimento de uma criança típica também marca essa necessidade de adaptação e mudança de rotina.

A descoberta do diagnóstico e sentimentos vinculados a ele

A descoberta do diagnóstico de um filho é permeada por vários momentos e sentimentos distintos, que envolvem reações e emoções novas. Buscou-se compreender a singularidade das vivências em relação ao diagnóstico dos filhos das participantes. Para Sá, Coelho e Lima (2026), as reações das mães diante do diagnóstico de autismo em seus filhos podem variar significativamente, sendo influenciadas por uma complexa interação de fatores emocionais, contextuais e individuais.

Eu me senti nua, porque realmente o que foi colocado para mim (...) no primeiro momento é que não era uma doença, não tinha um tratamento, era muito novo. Então assim, a gente fica muito, eu acho que a expressão certa é anestesiada, não dá tempo. Se eu separar o que eu senti na época é: se eu parar para sofrer o diagnóstico, ele perderia alguma coisa. Então, eu não tive esse tempo, não deu para ter esse tempo. (Participante 01).

Os relatos evidenciam sentimentos de choque, desorganização emocional e incerteza diante do diagnóstico. Os depoimentos foram permeados por intensa carga emocional, manifestada tanto no olhar quanto na voz embargada.

Mudança na vida e rotina

Após a descoberta do diagnóstico, observa-se que tudo adquire um caráter de novidade e urgência no que se refere às necessidades dos filhos. Nesse contexto, as vivências compartilhadas revelam uma voz que demanda ser reconhecida e legitimada, não em benefício próprio, mas em prol das crianças. No cotidiano dessas mães, o cuidado com a criança com TEA assume posição central, tornando-se prioridade. Elas se dedicam integralmente a esses cuidados, percorrendo longos caminhos em busca de diagnóstico e tratamento. Como consequência dessa dedicação contínua, Constantinidis e Pinto (2020) apontam a presença de sobrecarga emocional decorrente do enfrentamento dessas demandas.

Tudo que eu conhecia de maternidade foi zerado. Desceu à estaca zero. Tudo era muito novo, tudo era muito intenso. A minha vida de forma individual ela mudou 360°, porque eu tive que passar a ver e focar em coisas que antes para mim era muito comum e para ele era às vezes até doloroso de fazer, de realizar. Então assim, hoje eu vivo a minha vida, tenho uma vida social, mas depois do que for prioridade para ele. (Participante 01).

Eu tive que, como eu falei antes, sair do trabalho, né? Pra mim estar cuidando dele. O meu tempo é muito corrido, né? As minhas prioridades agora são ele, né? E tudo muda. (Participante 03).

Busca por conhecimento e adaptação

Observa-se uma significativa reorganização da dinâmica de vida, com centralidade no cuidado com o filho. Desde o diagnóstico, evidencia-se uma preocupação constante na busca por conhecimento, com o intuito de compreender e atender às necessidades apresentadas. Nesse contexto, os esforços passam a ser direcionados de forma contínua para iniciativas que possam promover melhorias e contribuir para o desenvolvimento e qualidade de vida dos filhos, o que condiz com o que as participantes relataram.

Eu fui pros livros, eu voltei a estudar, eu voltei a a pesquisar para poder tentar entender o que que era aquilo. Na época, o diagnóstico não era feito na primeira consulta, (...) só podia ser fechado com 5 anos, quando a criança completasse 5 anos. (Participante 01).

Então, por aí eu comecei a perceber que eu tinha que estudar. Então, assim, o primeiro passo da vivência do diagnóstico foi começar a conhecer sobre o autismo. Então, assim, eu vivia o autismo 24 horas. (Participante 02).

Segundo Ponte e Araujo (2022), o cotidiano com a criança com TEA apresenta-se carregado de significados, os quais demandam da mãe constante interpretação, assimilação e reorganização. Nesse contexto, faz-se necessário o aprofundamento em novos conhecimentos, a fim de possibilitar a compreensão minuciosa da nova realidade daquela família.

Sobrecarga e cansaço

As múltiplas demandas que permeiam o cotidiano dessas mães tornam o tempo escasso diante da quantidade de responsabilidades assumidas. A rotina, frequentemente intensa, exige dedicação contínua ao cuidado dos filhos e à gestão de diversas atividades, o que contribui para o cansaço físico e emocional.

Então, (...) eu acho que a palavra é essa, é um cansaço, mas é um cansaço que você não tem tempo para raciocinar assim, eu tenho que descansar e parar e desacelerar, porque não tem outra pessoa que assuma. Eu tenho uma preocupação muito grande em transformar meu filho num adulto mais funcional possível. (Participante 01).

(...) você ficando muito cansada. Então, aquele tanto de coisa, né? Aquele tanto de coisa acaba te deixando cansada, e acaba você juntando aquilo com o sofrimento. (Participante 02).

Assumpção Jr. e Sprovieri (2000) sugerem que as demandas relacionadas ao TEA exigem adaptações na rotina e na organização familiar. Com o tempo, essas responsabilidades podem provocar sobrecarga física e emocional, impactando a dinâmica da família. Nesse contexto, é frequente que as mães deixem o autocuidado em segundo plano para dedicar maior atenção às necessidades da criança.

Os Desafios e dificuldades

Ao compreender os desafios e as possibilidades inerentes ao diagnóstico e às possibilidades de intervenção em casos de TEA, torna-se possível oferecer uma base consistente para o desenvolvimento saudável, favorecendo a maximização do potencial dessas crianças desde os primeiros estágios da vida, destaca Sá, Coelho e Lima, (2026).

Eu tive algumas dificuldades no início, até por volta ali dos 4, 5 anos de idade, com apoio, porque ele estudava em ambiente, em uma escola particular. E a escola particular é muito mais difícil para você conseguir o professor de apoio do que as redes municipais e estaduais. (Participante 01)

Então, as pessoas não acreditaram em mim. Então, assim, isso foi um desafio gigante, que as pessoas não acreditarem no diagnóstico que uma família chega. Então, a diretora não acreditou, a professora dele não acreditou. (Participante 02)

Dependendo do aniversário que a gente for, a gente tem que ficar pouco. Porque há dias que ele fica bem em festas e há dias que ele não fica. Com muitas pessoas, há dias que ele fica bem e há dias que ele não fica bem. (Participante 03)

Diante dos relatos apresentados, é possível compreender que os desafios e dificuldades enfrentados se configuram de maneira singular para cada indivíduo, considerando suas subjetividades e especificidades. Cada depoimento mostrou-se de

grande relevância, pois possibilitou uma melhor compreensão da complexidade que envolve o universo do Transtorno do Espectro Autista.

A Importância da rede de apoio

A rede de apoio surge como elemento fundamental no enfrentamento das demandas; de acordo com Colomé *et al.* (2024), é necessário destacar a importância de recursos de apoio, tais como as redes de suporte social. Por meio dessas relações, estabelecidas com a família extensa, amigos, comunidade ou ambiente de trabalho, os momentos de crise e as situações adversas tornam-se mais amenos, uma vez que os pais e responsáveis pela criança podem sentir-se acolhidos e compreendidos.

Muito se fala no cuidado com os meninos, mas a família ela é devastada. Eu, graças a Deus, agradeço muito a Deus porque eu tive muito apoio da minha família. Algumas portas se fecharam, né? Eu tive que lidar com isso também algumas portas se fecharam com diagnóstico, mas outras se abriram. (Participante 01).

A rede de apoio é muito boa, porque nem todos os dias a gente tá bem, porque a gente tá com o filho da gente. (Participante 03).

A presença de pessoas com quem se pode compartilhar o cotidiano e as dificuldades vivenciadas é fundamental diante dos desafios enfrentados. Nesse contexto, a rede de apoio, composta por familiares, amigos e grupos de pessoas que passam por experiências semelhantes, destaca-se como uma importante fonte de suporte emocional. Independentemente de sua composição, essa rede funciona como um alicerce, proporcionando acolhimento, auxílio e alívio nos momentos mais difíceis.

Luto, aceitação, adaptação e enfrentamento

Após o diagnóstico, as mães passam por um processo de assimilação e reconstrução dos significados atribuídos às experiências até então vivenciadas. Com o intuito de melhor compreender esse contexto, vejamos os relatos das participantes.

E para ele cada minuto conta, porque a gente tem que preparar para estar com eles, mas o mundo não tá preparado para ele. Então, pra gente enxergar isso é bem complicado, é bem complexo, porque a gente tá preparada para eles, a gente se prepara para eles, a gente aceita eles. (Participante 01).

Mas é igual o luto mesmo, é aquele processo do luto mesmo, né? Primeiro você sofre, depois você vai adaptando. E eu vejo muito nas famílias atípicas, que aconteceu comigo também, depois vira uma luta, sabe? Uma bandeira mesmo, né? Então, assim, essa bandeira é que dá muito, voltando aquela

pergunta anterior, essa questão de se gritar, de você estar à frente, mostrar a força, que te dá uma força também pra você continuar. (Participante 02).

Para Lima *et al.* (2021), o luto é compreendido como uma reação natural diante de perdas reais ou simbólicas, incluindo a quebra de expectativas. Nesse sentido, o sofrimento relacionado à idealização não correspondida do filho faz parte desse processo. As participantes relatam um percurso de aceitação e adaptação, no qual transformam as dificuldades em força para seguir em frente.

Sentimentos diante das conquistas dos filhos

Por meio do processo, foi possível compreender de forma mais aprofundada o quanto essas mães se sentem realizadas e satisfeitas diante de cada conquista cotidiana de seus filhos. A experiência de presenciar os filhos alcançando marcos que, para muitos, seriam considerados comuns, revela-se profundamente gratificante, sendo vivenciada como uma realização própria, como se tais conquistas fossem também fruto de seus próprios esforços.

Eu choro, gente. Eu sou uma mãe chorona, babona. Conseguir realizar algo que era tão natural, sentar numa roda de conversa, bater papo, jogar conversa fora, pra gente é tão natural, para eles é tão duro, é tão difícil, é tão doloroso que quando a gente vê que eles conseguem isso, é como se eu tivesse ganhado na megasena. (Participante 01).

Eu fico muito feliz, eu bato palma, ele fica feliz, ele vê que ele conseguiu também". (Participante 03).

De acordo com Kissula, Rocha e Cechin (2024), mesmo diante de desafios e incertezas as mães demonstram capacidade de adaptação e enfrentamento ao buscarem o bem-estar dos filhos. Pequenos avanços no desenvolvimento, na autonomia e nas interações sociais são valorizados, fortalecendo a esperança e motivando a continuidade dos cuidados e esforços em relação ao futuro da criança.

Vislumbre de futuro

O movimento de revisitar o passado e projetar o futuro mostra-se recorrente nos relatos dessas mães. Ao olhar para trás, emergem sentimentos de alívio e gratidão pelas experiências já vivenciadas e superadas. Por outro lado, a incerteza em relação ao futuro pode suscitar apreensão, mas também esperança e sonhos,

como o desejo pela conquista da autonomia dos filhos ou, até mesmo, pelo desenvolvimento da linguagem.

(...) eu me propus a partir desse ano a tudo que ele quiser fazer, eu tá junto com ele para ele fazer e depois comigo e depois sozinho. (Participante 01).

Ele, provavelmente, não vai conseguir casar, né? Ter filhos, fazer uma faculdade, né? Por conta desse diagnóstico. (Participante 02).

Ah, meu sonho é ver meu filho falando junto comigo, conversando, sabe, comigo, com o pai dele, cantando na igreja. (Participante 03).

Smeha e Cezar (2011) apontam que os pais costumam criar expectativas idealizadas sobre um filho saudável, associando-o à realização de desejos e projetos pessoais. Quando a criança apresenta limitações importantes, essas expectativas são frustradas, gerando sofrimento e necessidade de adaptação emocional, especialmente para as mães. Kissula, Rocha e Cechin (2024) destacam que as perspectivas de futuro são marcadas por sentimentos de esperança e apreensão, influenciados por fatores individuais, familiares e sociais. Além disso, apontam que os avanços e as conquistas relacionados à autonomia fortalecem as expectativas em relação ao futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou, sob a ótica fenomenológica, compreender as nuances do TEA a partir das vivências das mães. Foi possível compreender a complexidade dessas vivências a partir de cada relato, cada história, cada dor, cada conquista. Os relatos descrevem o impacto emocional inicial, frequentemente comparado a um estado de luto ou choque, que exige uma reestruturação completa da rotina familiar e profissional. As narrativas destacam a importância crucial de uma rede de apoio, a busca incessante por terapias especializadas e as barreiras enfrentadas na inclusão escolar e social. Além das dificuldades, as mães enfatizam uma profunda mudança de perspectiva, na qual aprendem a valorizar pequenas conquistas cotidianas e desenvolvem uma sensibilidade renovada. O conteúdo das entrevistas reflete, acima de tudo, a resiliência materna e a transição do medo inicial para uma postura de aceitação e luta pela autonomia de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Delmo de Carvalho; SOUSA NETO, Antonio Rosa de; IBIAPINA, Aline Raquel de Sousa; OLIVEIRA, Joseph Dimas de. Necessidades de informação de pais de crianças com transtorno do espectro autista: estudo qualitativo. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 30, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/NRL4VsGVxhBTMLNNSW79tzL/?lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5 ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAÚJO, Ariana Maria Leite. O diagnóstico na abordagem fenomenológica-existencial. **Revista IGT na Rede**, v. 8, p. 315–323, 2010.

ASSUMPÇÃO, Francisco Baptista Junior. PIMENTEL, Ana Cristina. (2000). Autismo Infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 22, 37–39. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600010>. Acesso em: 29 março. 2026.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 16, n. 2, p. 231–250, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200006>. Acesso em: 19 out. 2025.

BALESTRO, Juliana Izidro, e FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Percepção de cuidadores de crianças com transtorno do espectro do autismo quanto ao perfil comunicativo de seus filhos após um programa de orientação fonoaudiológica. **CoDAS**, v.31, n.1, p.217-222. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/codas/a/wVYLN46cvL9tKh9tKY_pcSdL/?format=html&lang=pt. Acesso em: 23 set. 2025.

BONFIM, Tássia de Arruda.; GIACON-ARRUDA, Bianca Cristina Ciccone.; HERMES-ULIANA, Catchia.; GALERA, Sueli Aparecida. Frari; MARCHETI, Maria Angélica. Family experiences in discovering Autism Spectrum Disorder: implications for family nursing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, supl. 6, e20190489, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0489>. Acesso em: 11 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.156 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 19 out. 2025.

COLOMÉ, Carolina Schmitt; DANTAS, Cândida Prates; IZOLAN, Luana da Costa; ZAPPE, Jana Gonçalves. Redes sociais significativas maternas: significados e movimentos diante do autismo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, e 261546, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/43kT97qxLQdvBmQVYyYQ3pdj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 março. 2026.

BUFFON, Alessandra Daniela; MARTINS, Milena Rodrigues; NEVES, Marcos Cesar Danhoni. **A fenomenologia como procedimento metodológico em pesquisa qualitativa na formação de professores**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências-ENPEC, XI, Florianópolis, SC, v. 3, 2017. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0401-1.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2025.

DELGADO, Josefa Aida. Que é o “ser da família”? **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 14, supl., p. 86–94, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000500011>. Acesso em: 16 out. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas psicol.** 1996, v.4, n.1, p. 97-110. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009. Acesso em: 26 set. 2025.

FRANCO, Vitor. Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 2, p. 204–220, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p204>. Acesso em: 17 out. 2025.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface** (Botucatu), v. 1, n. 1, p. 109–122, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200008>. Acesso em: 19 out. 2025.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KISSULA, Júlia Chiminecki; ROCHA, Ana Julia Ribeiro; CECHIN, Felipe Dias. As perspectivas de futuro da família diante do diagnóstico de transtorno do espectro autista. **Revista Científica Valore**, v. 4, n. 12, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV4N12-084>. Acesso em: 21 março. 2026

LIMA, Jhonatan Correia et al. Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 7, n. 3, 2021. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/636>. Acesso em: 21 março. 2026.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v.30, n.2, p.289–300, mai./ago. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>. Acesso em: 23 set. 2025.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006.

MISQUIATTI, Andrea Regina Nunes., Brito, Maria Claudia., Ferreira, Fernanda Terezinha Schmidtt, Assumpção, Francisco Baptista Junior. (2015). Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: Perspectiva dos cuidadores. **Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação**, 17(1), 192-199. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201520413>. Acesso em: 29 março. 2026.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. **Crítica da razão na fenomenologia**. São Paulo: Edusp/Nova Stella, 1989.

RODRIGUES, Fernanda; LEONTINO, Eduarda. O impacto nas relações familiares após o diagnóstico de TEA. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 17, n. 51, p. 89–106, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/98045>. Acesso em: 23 set. 2025.

PINTO, Alinne Souza; CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com transtorno do espectro autista. **Psicologia e Saúde em Debate**, n.1, p. 89-103. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799/1103>. Acesso em: 30 mar. 2026.

PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAUJO, Lucivaldo da Silva. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, Belém, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912022000200010&script=sci_abstract. Acesso em: 30 mar. 2026.

SÁ, Giovana Gabriela Ferraz de; COELHO, Maria Flavia dos Santos; LIMA, Gleci Mar Machado de. A difícil tarefa de diagnosticar em relação ao autismo: uma jornada de descoberta e aceitação. **Revista DCS**. v. 23, n. 86, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.54899/dcs.v23i86.4143>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SILVA, Rosilda Veríssimo, OLIVEIRA, Walter Ferreira de. O método fenomenológico nas pesquisas em saúde no Brasil: uma análise de produção científica. **Trabalho**,

Educação e Saúde, v.16, n.3, p.1421–1441, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00162>. Acesso em: 23 set. 2025.

SIONEK, Luiza, ASSIS, Dafni Thaissa Mineguel, FREITAS, Joanneliese de Lucas. Se eu soubesse, não teria vindo: implicações e desafios da entrevista qualitativa. **Psicologia Em Estudo**, v.25, e44987, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44987>. Acesso em: 23 set. 2025.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43-50, Jan/Mar.2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a06v16n1>>Acesso em: 20 março. 2026.

PETRELLI, Rodolfo. Parecer do trabalho “**Qualidade de vida de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista – uma leitura baseada no método fenomenológico**” – Exame de Qualificação. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/>. Acesso em: 26 abr.2026.